Ano XX — Lisboa, Setembro e Outubro de 1964 — N.os 233 e 234

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

Agraciado com o «Lis de Prata» da Associação dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607—Admin. 638849

Composição e Impressão: TIPOGRAFIA VIEIRA / Praça Afonso de Albuquerque, 2-A / Telefone 63 78 66 / LISBOA 3 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA

APRUMO ESCOTEIRO

Vai longe o tempo em que se consideravam as longas caminhadas como essenciais à prática do Escotismo e o público menos esclarecido classificava de andarilho o escoteiro que topava no seu caminho. Recordamo-nos de, em 1934, por ocasião do acampamento nacional que se efectuou no Porto e ao passarmos nos arredores de Gaia, uma criança, surpreendida pela presença dos nossos uniformes, perguntar à mãe quem eram aqueles homens, enquanto esta respondia compenetrada: — *Andam a correr mundo, minha filha.* O Escoteiro não é andarilho, mas, evitados os exageros, devemos saber que a marcha é, de facto, um exercício salutar, que muito beneficia os mais importantes órgãos do corpo humano, e deve ser praticada com regularidade em todas as idades, particularmente pela gente nova. O andar é exercício natural do homem e o uso exclusivo dos meios de locomoção que o nosso engenho criou, priva-o de uma actividade essencial ao seu equilíbrio físico.

SEGUE NA PÁGINA 4

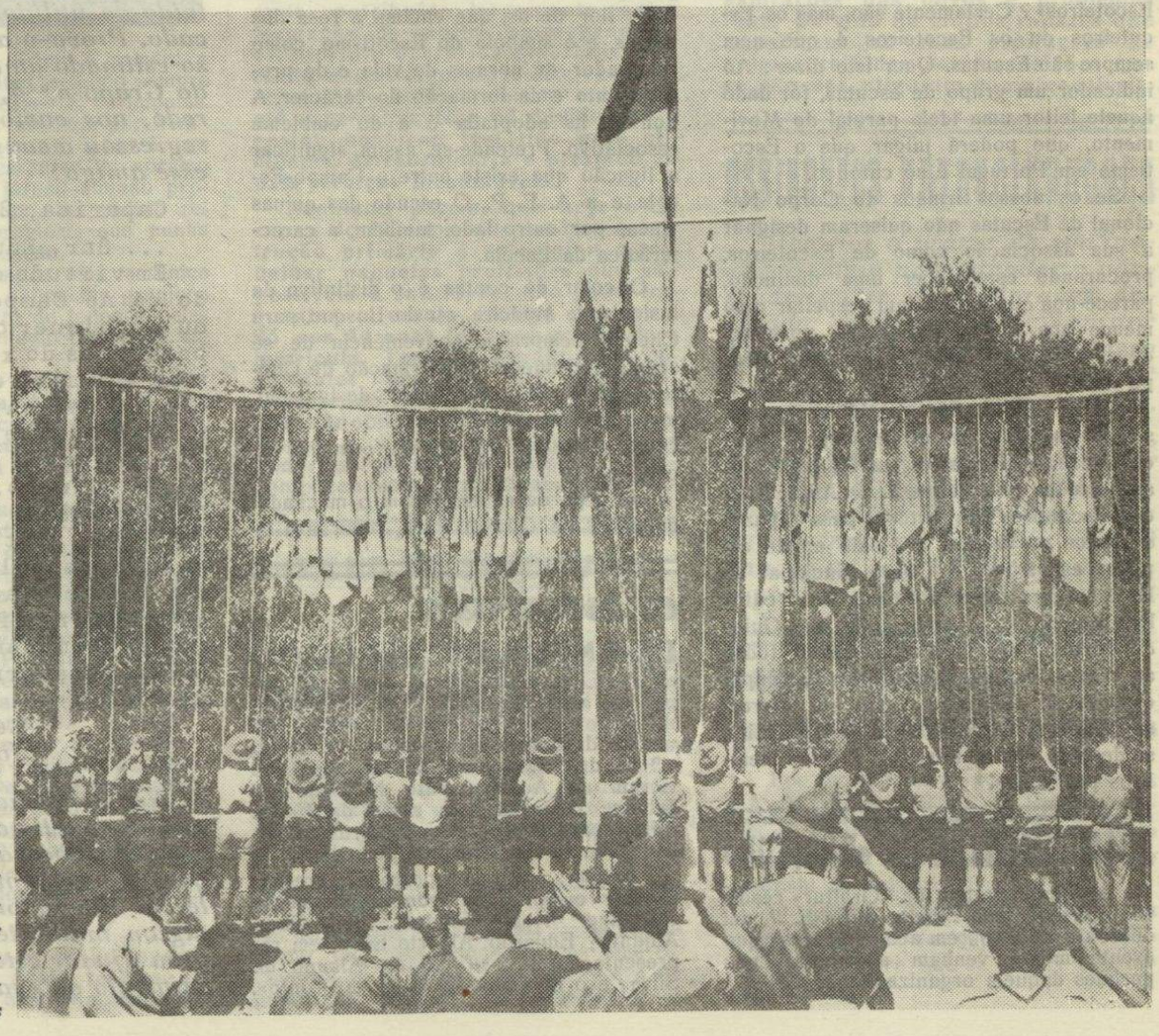
O público ignora o Escotismo

Em 1 de Dezembro de 1955, por ocasião de um desfile de escoteiros, a reportagem de *Sempre Pronto* inquiriu de alguns transeuntes, escolhidos ao acaso, as suas opiniões sobre Escotismo, tendo verificado, com surpresa e decepção, que só um ou outro, e por circunstâncias especiais, podia dizer alguma coisa sobre o assunto. Ficámos, nessa altura, convencidos de que o público ignorava o Escotismo e que esse desconhecimento atingia mesmo pessoas da chamada classe média, que teriam razões para estar melhor esclarecidas.

A confirmar isto, lemos agora no «Diário de

SEGUE NA PÁGINA 2

BANDEIRAS A TOPE!



Voando ao vento, aí estão as bandeiras da Flor de Lis! No alto dos seus mastros, elas proclamam que o grande acampamento começou. Sob um azul maravilhoso, são bem o testemunho de uma realidade do Escotismo Português: o grande parque de escotismo da Caparica, obra que se fica a dever à valiosa acção do sr. Presidente da Direcção dos Escoteiros de Portugal, o Almirante Henrique Tenreiro. Os escoteiros sabem e querem ser agradecidos

O público ignora o Escotismo

Seguimento da página 1

Lisboa Juvenil» uma curiosa pergunta de um leitor que se relacionara por ocasião das férias com um turista estrangeiro, que lhe falara com grande entusiasmo do Escotismo, o que despertou nele o desejo de saber alguma coisa do Movimento, pelo que pretendia saber se entre nós também há escoteiros.

Isto exactamente. Depois de 50 anos de Escotismo em Portugal, é ainda possível que um jovem, certamente estudante, pois falava inglês, ignore se há escoteiros em Portugal. Merece a pena ponderar este facto para uma possível revisão dos nossos métodos de propaganda ou, melhor, para estudo de uma necessária campanha de publicidade, baseada numa série de actividades reais e de valor dos nossos grupos, abandonando fantasias noticiosas nada próprias do nosso Movimento e de que afinal não resultam grandes vantagens.

«Diário de Lisboa Juvenil» prestou por isso um bom serviço ao Escotismo ao proporcionar àquele leitor um sucinto apontamento da história da fundação do nosso Movimento. Pena foi que a entidade indicada para obter mais completas informações fosse colhida na lista telefónica e tivesse sido, por isso, apenas apontado o Grupo de Escuteiros n.º 7 que não é de Escoteiros, mas de Escutas. «Mas — dirá alguém — os Escutas não são Escoteiros» ? Certamente são, mas os Escuteiros ou os Escoteiros é que nem sempre são Escutas. Quer isto dizer: Ao indicador um grupo de escutas, foi dado àquele leitor uma ideia parcial do Movimento, que poderá julgar que o Escotismo em Portugal é só católico.

Se os nossos irmãos do Corpo Nacional de Escutas não quiseram designar a sua associação como de Escoteiros, procurando estabelecer uma distinção, parece-nos que a deveriam respeitar pelo menos nos títulos oficiais e, portanto, dever-se-ia encontrar naquela lista «Grupo de Escutas n.º 7».

Melhor informada teria sido a resposta se pudesse dispor de elementos para esclarecer que existem em Portugal três associações escoteiras: A Associação dos Escoteiros de Portugal para rapazes de todos os credos, no mais amplo espírito escoteiro; o Corpo Nacional de Escutas para rapazes de confissão católica-romana, e a Associação das Guias de Portugal aberta a raparigas de todas as confissões, igualmente no mais amplo espírito do Guidismo. Seria até interessante informar que o movimento feminino se designa por Guidismo e os seus membros por Guias.

ACAMPAMENTOS DA «ORBITUR»

A Administração da «Orbitur» resolveu conceder aos filiados da A. E. P. um desconto de 20% em acampamentos que eventualmente venham a montar nos parques daquela organização.

Emblema do Campo-Escola e Centro de Formação de Chefes

O Boletim Oficial publica a disposição que cria o emblema, que a gravura reproduz, do Campo-Escola da Caparica.

Esta composição tem a seguinte simbologia:

Ideia central: a rosa dos ventos. E' o símbolo da orientação e de definição de rumos a seguir. A Escola deve ser uma definidora de orientação e os Chefes que por ela passarem deverão saber orientar-se dentro das regras de procedimento e de aplicação do Escotismo.



Porque Portugal é um país de navegadores, a rosa dos ventos faz um apelo à portugalidade da Escola, ligando-as às velhas tradições marítimas dos Portugueses.

A flor de lis, que encima a rosa dos ventos, é o símbolo do Escotismo, como orientador de normas de vida e de procedimento e da formação do carácter. A flor de lis adoptada é a do emblema associativo. Pretende-se, assim, significar a ligação que existe entre o Campo-Escola e a A. E. P.. O escudo das quinas vinca, por outro lado, também, a característica da Escola.

O colar de contas é o distintivo da Insígnia de Madeira, ou do Bosque, para Chefes. Lembra a conveniência de se seguir o Esquema de Formação de Chefes conhecido por aquela designação, mundialmente seguido e reconhecido como o melhor sistema de formação de chefes.

O cepo de madeira com o machado, emblema de Gilwell Park, recorda a ligação que deve existir entre o nosso Campo-Escola e o Centro Mundial de Formação de Chefes.

Este distintivo deverá ser usado, única e exclusivamente, nas publicações que digam respeito às actividades do Campo-Escola e Centro de Formação de Chefes.

OS ESCOTEIROS DE ANGRA DO HEROISMO NO ANAJU

Os dirigentes e escoteiros do Grupo n.º 52 dos Escoteiros de Portugal, que vieram ao Acampamento Nacional do Jubileu, partiram num avião da Força Aérea para a Terceira na tarde de sábado, dia 12 de Setembro passado.

Estiveram no aeroporto a apresentar-lhes cumprimentos de despedida os srs. Eng.º Nobre Santos, Chefe-Geral Adjunto; Eduardo Alberto Silva, em representação de seu pai sr. Albano da Silva; e o Director de «Sempre Pronto».

Quem perdeu?

Um antigo escoteiro achou uma condecoração escotista, na paragem de autocarros de Santo António da Caparica, no dia da inauguração do Parque de Campismo.

Será entregue, nesta Redacção, a quem declarar pertencer-lhe.

Escoteiros em serviço militar no Ultramar Português

O amparo moral que tem sido possível a este jornal dar aos escoteiros de Portugal que se encontram em serviço militar no nosso Ultramar, apesar de modesto, não é mesmo assim destituído de utilidade ou de significado. Prova-o a carta que o nosso estimado amigo, chefe de Clã do Grupo n.º 4, sr. José Figueiredo, nos enviou, agora que já regressou à sua vida normal. Diz esse amigo:

Caparica, 26/8/964

... Snr. Eduardo Ribeiro:

Em virtude de ter procurado cá no Campo encontrá-lo, ou a qualquer outro, dos colaboradores do «Sempre Pronto», e me ter sido dito que não se encontrava cá nenhum, resolvi deixar-lhe duas palavras que lhe serão entregues pelo chefe Clímaco.

São apenas cumprimentos, pois que gostaria de os conhecer pessoalmente para lhes agradecer a atenção com que me distinguiram durante a minha permanência em Angola; assim, fraternais saudações do

Sempre Pronto
José Figueiredo

Não tem nada que agradecer este nosso estimado companheiro. Os que trabalham neste jornal é que se sentem satisfeitos por terem tido oportunidade de, de algum modo, terem contribuido para ajudar este amigo no cumprimento da sua missão.



Rev. Joaquim Rosa Baptista

Em 21 de Setembro passado, faleceu na sua casa em Lisboa, com a idade de 75 anos, este nosso dedicado amigo, que já há algum tempo se encontrava doente. O Rev. Rosa Baptista foi presidente da Direcção do Grupo n.º 94 dos Escoteiros de Portugal desde a sua fundação, tendo sempre dedicado muito interesse e amizade aos escoteiros daquele grupo, deslocando-se muitas vezes aos seus acam-



pamentos para lhes dirigir a palavra e presidir aos seus cultos, estando sempre presente nas suas festas e cerimónias.

Manifestava igual interesse por *Sempre Pronto* e ficou-se a dever à sua independência de carácter e aprumo moral o facto deste jornal, quando propriedade daquele grupo, ter podido resolver determinado problema que punha em risco a sua publicação.

De resto, foi sempre esta a única atitude de sua vida, o que lhe granjeou a admiração e respeito de todos aqueles que tiveram o privilégio de com ele conviver.

Foi durante cerca de 40 anos pastor da Igreja Evangélica Ajudense, a que aquele Grupo de Escuteiros está anexo, tendo sido recentemente distinguido com merecida homenagem e com o título de pastor emérito.

Presidiu à Juventude Evangélica Portuguesa, foi administrador e redactor-principal do jornal «Portugal Novo» e director do «Mensageiro», tendo dedicado generosamente a sua actividade a inúmeras obras de carácter religioso, educativo e social, num nível de consagração hoje pouco vulgar. Possuía a Medalha de dedicação e Bons Serviços, classe prata, com que fora agraciado pela associação dos Escoteiros de Portugal.

Era casado com a sr.ª D. Antonieta Baptista, pai do nosso dedicado assinante sr. Américo da Silva Baptista, casado com a sr.ª D. Lucinda Alão Baptista; e avô do sr. Carlos Alberto A. Baptista, casado com a sr. D. Maria de Lurdes Baptista, a quem *Sempre Pronto* endereça os seus sentidos pêsames.

— * —

O funeral realizou-se no dia seguinte para o cemitério da Ajuda, tendo-se incorporado inúmeros amigos e admiradores do extinto. O Grupo 94 fez-se representar por uma deputação dos seus escoteiros e o *Sempre Pronto* esteve representado pelo seu Redactor-Principal.

Uma disposição legal que dificulta o estudo nocturno a rapazes com menos de 14 anos

É de inegável e indiscutível interesse para o País tudo quanto se faça para fomentar entre a gente nova o gosto pelo estudo, levando-a a frequentar a Escola enquanto lhe for possível, de forma a melhor se preparar para as tarefas profissionais que a esperam. A Instrução Primária, hoje de frequência obrigatória, constitui a base de toda a formação profissional. Isso justifica tudo quanto for feito para que seja eficiente o ensino ministrado nestas escolas. Mas geralmente aos 12 anos o rapaz terminou os seus estudos primários visto não existirem ainda os cursos de seis anos. Em muitos casos, em face das dificuldades económicas das famílias, muitos dos alunos que terminam o curso primário não podem prosseguir estudos secundários diurnos. As famílias, após a aprovação no exame, procuram colocá-los de forma a que possam ajudar o seu sustento. Ingressam assim imediatamente em lojas ou escritórios, como marçanos ou paquetes, serviços que lhe são permitidos a partir dos doze anos de idade.

Muitos destes rapazes surgem nos nossos grupos de escoteiros. O chefe, atento às suas responsabilidades de educador, procura despertar neles o desejo de estudar e aconselha-lhes a matrícula numa escola técnica nocturna. O país necessita, cada vez mais, de técnicos preparados e os cursos nocturnos têm através dos anos contribuído largamente para a formação de muitos empregados de escritório e operários especializados, tendo mesmo alguns por este caminho conseguido atingir cursos médios e até superiores. Não há dúvida que o ensino nocturno tem tido uma eficiência extraordinária e prestado ao país serviços inestimáveis.

Acontece, porém, que hoje o tal rapaz de 12 anos, que acabou a instrução primária e principiou a trabalhar naquelas profissões que são possíveis à sua idade, não pode frequentar a escola técnica nocturna. Só aos 14 anos lhe será permitida a matrícula. Terá de perder dois importantes anos da sua mocidade, esquecendo muito daquilo que aprendeu na instrução primária e perdendo o hábito de estudar, para poder prosseguir nos estudos. É incompreensível esta disposição. Afigura-se-nos que foi estabelecida na presunção de que o trabalho a menores só é permitido a partir dos 14 anos. No entanto, isso não acontece, visto que, por exemplo, a profissão de «paquete» está à disposição dos rapazes desde os 12 anos.

Nestas circunstâncias, parece-nos gravemente prejudicial estorvar o estudo nocturno durante dois importantes anos da vida do rapaz. Muitos perderão para sempre a oportunidade de ir um pouco mais além na sua preparação para a vida. Outros, mais perseverantes, irão aos 14 anos para a escola. Mas a inactividade de dois anos e o consequente esquecimento de muita matéria escolar tornará mais difícil os primeiros anos de estudo e atrasará, sem necessidade nem vantagem, o termo do seu curso secundário.

Não se compreende, de facto, que se dificulte o estudo. Parece-nos que se deveriam abrir todas as portas, conceder todas as facilidades, provocar todos os estímulos para que os novos estudassem. O país só ganharia com isso e os estudantes veriam facilitada, no futuro, a sua vida profissional.

Estamos certos que o Senhor Ministro da Educação Nacional, que à causa da educação popular tem dedicado tão grande interesse, não deixará de ponderar as modestas considerações feitas num jornal de escoteiros, que de tão perto conhece as aspirações dos novos e problemas reais da vida de muitos rapazes que encontram as suas aspirações de cultura tolhidas por disposições que se não nos afiguram compreensíveis.

PARQUE DE ESCOTISMO DA CAPARICA

Com destino ao museu do Parque de Escotismo da Caparica, o Grupo de Escoteiros de Dondo ofereceu um par de chifres de búfalo, uma trompa de chifre de antílope e um tantã. Também o Grupo n.º 10 fez entrega, com igual objectivo, de um mocho e de um cão, totens feitos em gravação de troncos de madeira, que faziam parte dos trabalhos que apresentaram no Anaju.

ASSINANTES PATROCINADORES

Deu-nos o prazer da sua inscrição como patrocinador o nosso amigo sr. João Marques, dedicado assinante de «Sempre Pronto» desde o primeiro número e antigo escoteiro do Grupo n.º 94. Agradecemos reconhecidos.

Como os nossos leitores sabem, a inscrição como Patrocinador significa a substituição da assinatura ordinária por uma quota de um mínimo de Esc. 30$00 anuais, ou seja 2$50 por número e por mês de «Sempre Pronto».

DISCO ESCOTISTA no Rádio Clube Português

Por intermédio da nossa Associação, a União dos Escoteiros do Brasil ofereceu ao Rádio Clube Português um disco com diversas canções do cancioneiro escotista do país irmão.

O referido disco será utilizado na programação desta conhecida estação emissora sempre que se depare a oportunidade.

Aprumo Escoteiro

Seguimento da pág. 1

Não é menos importante a maneira como se anda. Diz Baden-Powell que *os escoteiros devem saber deslocar-se rapidamente em formação de grupo e de patrulha de um ponto para outro em boa ordem. Quando bem executados, os exercícios de movimentos rápidos e ordenados tornam-os desembaraçados, aprumados e ágeis. Fortalecem-lhes os músculos que sustentam o corpo e, mantendo-se este erecto, os pulmões e o coração dispõem de espaço bastante para funcionar e os órgãos internos são mantidos em posição adequada para digerirem normalmente os alimentos.*

E' interessante notar ainda que a forma de andar revela muito da nossa personalidade. Não apenas a disposição de momento, se estamos fatigados, ansiosos, contentes ou tristes, mas também aquilo que realmente somos. Diz também B.-P. que *o andar de um homem (ou mulher) é muitas vezes claro indício do seu carácter — reparem nos passos miudinhos do homenzinho espalhafatoso, empertigado, a andar com grande afectação nos passos miudinhos do homenzinho espalhafatoso, empertigado, a andar com grande afectação de braços; o passo sacudido e apressado do nervoso; o caminhar lento do ocioso; o passo leve, rápido e silencioso do escoteiro e assim por diante.* De facto, pela maneira de andar adivinha-se se o indivíduo é saudável ou doente; ordenado ou dado ao desmazelo; activo ou indolente; orgulhoso ou humilde; bondoso ou agressivo.

E' por isso que o Fundador entende que o Escoteiro possui uma forma característica de andar, reflexo do seu vigor físico e das qualidades que exornam o seu carácter. No desenho de B.-P., com que ilustramos estas linhas, vemos a selecção feita, entre diversos tipos, daquele que realmente exibe uma atitude escoteira.

Embora os desfiles e paradas não sejam actividade normal dos escoteiros, eventualmente são usados por necessidade de ordem estética nas deslocações, para re-



presentação ou até com intuitos de propaganda. Em face dos conselhos de B.-P., devemos reconhecer que terá de haver uma forma própria do escoteiro desfilar, que seja a expressão correcta do espírito que enforma o nosso Movimento.

Há anos efectuou-se em Lisboa uma grande parada cívica em que participaram diversos organismos. Depois de, em grandes formaturas e com os seus tipos de marcha peculiares, terem desfilado diversas instituições, os escoteiros surgiram em último lugar sob o formoso Arco da Rua Augusta. Eram bastantes, lam sorridentes, aprumados, desfilando à vontade. O povo saudou-os com palmas de apreço. Era o aprumo aliado à simplicidade, a alegria espontânea do voluntariado, a marcha escoteira correctamente exibida que surpreendia e entusiasmava o público.

Seria interessante estudar por que o célebre *passo de ganso* tanto caracterizou o espírito das formações nazis, que fizeram tão triste página da história contemporânea. Movimentos afectados num ritmo artificial e difícil seriam talvez o índice do espírito de massa em oposição ao indivíduo. Ali, onde a personalidade não tinha lugar nem a vontade pessoal operava, todos se moviam mecânicamente.

No sector oposto encontram-se hoje aguerridas formações militares em que o homem é intensamente treinado para agir individualmente e desembaraçar-se em todas as circunstâncias por iniciativa própria. Estes marcham sacudindo o corpo e agitando vigorosamente os braços, em atitudes onde se lê energia e agressividade.

Poderíamos ainda citar a Guarda Real Inglesa, cuja marcha cadenciada e movimentos rigorosamente exactos afirmam um espírito de disciplina, que os factos não desmentem.

Assistimos há dias a um desfile de escoteiros. A abertura era marcial: clarins, tambores e um grande bombo, que um escoteiro de altas luvas brancas fazia rufar depois de imprimir às maçanetas efeitos especiais, como é de uso em formaturas militares. Seguiam-se alguns escoteiros executando, por mais incrível que possa parecer, o tal *passo de ganso*. Outros agitavam o corpo e os braços, macaqueando as tropas paraquedistas e, entre outros um tanto descuidados, vimos com muita satisfação aqueles que marchavam com naturalidade e aprumo.

Ficámos a pensar no que tínhamos visto. Afinal, naquela *salada* de ritmos estava o espelho fiel da situação de um Movimento feito de dedicações sem conta, de sacrifícios de toda a espécie, onde há muito de bom e de útil, mas onde falta também muitas vezes sólida orientação pedagógica e educativa que esclareça essas preciosas boas vontades e evite infelizes equívocos, não permitindo ridículas imitações de que o Escotismo não carece.

Na lufada de ar fresco que parece soprar sobre os Escoteiros de Portugal, estamos certos que essa indispensável orientação acabará por surgir firme e segura. A sua influência irá fazer-se sentir em todos os actos escoteiros e sobretudo nos ocasionais desfiles dos seus efectivos.

Nesse acertar de passo, veremos substituir as fanfarras marciais por outras formas artísticas mais compatíveis com o carácter educativo do Escotismo, talvez mesmo o saudável canto coral. O desfile será simples, a marcha ordenada, com aprumo e naturalidade, revelando alegria, companheirismo, disciplina e voluntariado. Os Escoteiros marcharão como Escoteiros e não terão mais necessidade de imitar seja o que for.

E. R.

AS ENTIDADES OFICIAIS E O ANAJU

Como não podia deixar de ser, as entidades oficiais manifestaram vivo interesse pela organização do Acampamento Nacional do Jubileu dos Escoteiros de Portugal e pela inauguração do Campo-Escola de Escotismo da Costa de Caparica.

Como prova do que acabamos de afirmar está a audiência que o sr. Ministro do Ultramar se dignou conceder aos escoteiros que compunham a Delegação de Moçambique, que quiseram agradecer a este membro do Governo as facilidades concedidas para utilização de transportes para a Metrópole e que permitiram a vinda até à Caparica daquele punhado de rapazes, que, de forma tão simpática, foi portador do abraço amigo dos nossos irmãos dessas longínquas terras de África. Essa audiência realizou-se no dia 26 de Agosto p. p..

No dia 29, o Eng.º Nobre Santos, acompanhado dos seus adjuntos e de diversos chefes de grupo, foi recebido pelo sr. Presidente da Câmara Municipal de Almada, a quem apresentou cumprimentos e manifestou o seu regozijo por o novo parque de Escotismo se encontrar instalado dentro da zona de Caparica, uma das regiões de maior interesse turístico do nosso país. Aproveitou o ensejo para agradecer a boa colaboração oferecida pela Câmara de Almada às obras de construção daquele campo-escola, terminando por convidar o sr. Dr. Glória Pacheco a tomar parte na cerimónia de inauguração daquele recinto, que se realizaria no dia seguinte.

O sr. Presidente da Câmara Municipal de Almada, desvanecido, agradeceu o convite e prometeu que seria com o maior prazer que compareceria naquele acto solene, onde representaria o sr. Governador Civil de Setúbal, que por se encontrar ausente, não poderia estar nessa solenidade.

CONSELHO NACIONAL DE CHEFES

Durante a realização do Acampamento Nacional do Jubileu reuniu o Conselho Nacional de Chefes, sob a presidência do chefe do Anaju, Eng.º Nobre Santos, e os chefes dos Grupos n.ºs 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 17, 52, 53, 59, 60, 77, 79, 84, 85, 93, 94 e do Dondo.

Durante as reuniões efectuadas foram expressas congratulações pela resolução da Direcção Central de realizar o Anaju, que é uma demonstração do desejo de fazer movimentar os Escoteiros de Portugal.

Foi reconhecido que a efectivação do Acampamento do Jubileu, embora revelando algumas deficiências, tinha vindo preencher uma lacuna que já há anos se notava no nosso movimento: a «fome» de um acampamento nacional.

Dados os animosos resultados obtidos com esta actividade, foi resolvido que se recomendasse à Direcção Central a realização de novos empreendimentos deste género. Para isso, preconizou o Conselho Nacional de Chefes o começo imediato dos preparativos, aproveitando-se as boas vontades que o Anaju manifestara, bem como os ensinamentos e experiências proporcionadas.

Dentro deste objectivo, em 1965 realizar-se-iam acampamentos regionais no Norte, no Centro, no Sul e nos Açores. Procurar-se-ia que estivessem presentes delegados da Região Centro nos acampamentos das outras regiões. Em 1966, realizar-se-ia, então, um novo acampamento nacional também na Caparica.

O Conselho de Chefes tomou ainda a resolução de agradecer ao sr. Presidente da Direcção da A. E. P. a realização da velha aspiração dos escoteiros portugueses: — a criação do Parque de Escotismo da Caparica. Foram igualmente expressos votos de agradecimento a todas as entidades que ofereceram auxílio nas obras de construção do Parque. O Conselho revelou firme propósito em que se levem avante os restantes trabalhos de apetrechamento do recinto.

Dentro do espírito construtivo que animou esta actividade, foi aconselhado que todos os chefes enviassem à chefia de campo do Anaju qualquer observação, reparo ou sugestão, a fim de serem devidamente estudados.

Foi também resolvido promover um concurso fotográfico do Anaju. Os trabalhos, nos formatos de 9x9 ou 9x12, devem ser entregues até os fins do mês de Outubro. Haverá três prémios e três menções honrosas.

O 50.º aniversário do Grupo n.º 9

O Grupo n.º 9 pode dizer-se que foi quase um dos fundadores do A. E. P., pois apenas um curto espaço de tempo, dois anos, separa a fundação da Associação do «nascimento» deste Grupo.

No passado dia 21 de Agosto, exactamente no começo do ANAJU, comemorou o Grupo 9 os 50 anos da sua filiação.

Sempre Pronto não poderá ficar indiferente a este acontecimento e assim deseja a este grupo, progresso e bom escotismo para mais 50 anos pelo menos.



Portal do campo do Grupo n.º 9 no ANAJU, dos mais artísticos deste acampamento

Dos apontamentos que conseguimos obter sobre actividade do Grupo 9, apontamentos incompletos mas que serão integrados na nossa história do Escotismo, destacamos o que abaixo inserimos.

O grupo n.º 9 foi fundado em Lisboa, em 14 de Agosto de 1914, mas só seria filiado, como membro da Associação, em 21 de Setembro do mesmo ano.

Foram seus fundadores os srs. Joaquim de Sousa Duarte Borrego, hoje distinto coronel do nosso Exército, e seus irmãos Manuel Duarte Borrego, hoje também oficial, e José Duarte Borrego, infelizmente já falecido.

Foi o sr. coronel Duarte Borrego o seu 1.º Escoteiro-Chefe, bem como Presidente da Direcção e ainda Delegado na Direcção Central. O primeiro secretário da Direcção do Grupo foi o sr. Joaquim Nunes Charneca e o primeiro tesoureiro o sr. Alberto de Almeida.

A sede funcionou nos escritórios da Família Duarte Borrego, na Rua da Madalena, 23-2.º, tendo depois passado para a Rua de Santa Marta, 204 e, mais tarde, para os Recreios Desportivos de Benfica, na Av. Gomes Pereira. Supõe-se que o lenço encarnado é proveniente das cores do Clube de Futebol Benfica.

Não ficaram por aqui as mudanças do local da sede, pois, volvidos alguns anos, o grupo instalou-se no Ateneu Comercial de Lisboa e ali se manteve até 1937, ano em que se mudou para a actual sede, a Casa dos Escoteiros de Santa Clara.

Os chefes que dirigiram o Grupo 9 foram os seguintes: Joaquim Duarte Borrego, de 1914 a 1929; João Clímaco do Nascimento, de 1929 a 1944; Ernesto Clímaco do Nascimento, de 1944 a 1945; João Henriques Chaubert Alves, de 1945 a 1947; e João Correia Cabral, de 1947 até ao presente.

Destas breves notas biográficas destacamos que foi ao Grupo n.º 9 que pertenceu o primeiro Escoteiro da Pátria: — José de Sousa Duarte Borrego, já falecido.

O grupo atravessou diversas fases áureas, tendo estado nos últimos anos quase inactivo, parecendo que entrou agora em fase de desenvolvimento.

Os Escoteiros e as Olimpíadas

Na cidade de Tóquio, teatro dos Jogos Olímpicos deste ano, realizou-se o ensaio geral da cerimónia de abertura da famosa competição.

A fim de colaborar nessa monumental festividade, foram convidados dez mil escoteiros e soldados.

FALANDO COM OS CHEFES DE TRIBO

(Continuação)

A Cerimónia:

Vejamos agora como se fazia a cerimónia da Promessa no Brasil e em Portugal (entre nós ainda há quem assim faça): O escoteiro dizia o compromisso de honra, interrogado pelo chefe voltado para as bandeiras do seu país e do seu grupo, em posição de grande saudação, tendo por guarda de honra o grupo ou grupos de escoteiros todos formados em saudação. Normalmente dava-se a este acto um carácter solene recreativo e portanto assistia muita gente, pois geralmente havia sempre festa de teatro ou cinema e as promessas (que nós já vimos feitas em série) eram intercaladas no final, no princípio ou a meio do programa. Havia naturalmente muito barulho e muita festa. Perdia-se, claro está, no meio daquela azáfama, o valor educativo da Promessa, que é o fulcro essencial para o futuro escoteiro.

Actualmente entende-se, e muito bem, que esse processo está errado. A promessa não deve ser um juramento de bandeira, como muitos lhe chamam.

Que será então a Promessa?

Um contrato bilateral entre o Chefe de Tribo e o Escoteiro.

Porquê bilateral?

Porque o rapaz com os olhos fixos nos do Chefe promete a este fazer todo o possível por cumprir os artigos do compromisso de honra e o Chefe, recebendo a Promessa daquele, promete-lhe por sua vez que o fará praticar o escotismo para que possa aplicar a sua promessa.

Desta maneira, se o rapaz nalguma ocasião faltar ao prometido, o Chefe tem toda a autoridade para lhe dizer que não está cumprindo a promessa, se em contrapartida o Chefe não estiver rodando bem a sua actividade, o escoteiro pode reclamar por ele não o fazer praticar escotismo como deve ser. Trata-se como se verifica de um caso de muita intimidade entre o escoteiro e o Chefe, e só desta maneira se pode modelar um carácter firme num rapaz. Se o escoteiro não sentir constantemente o valor dos artigos da Promessa, desviou-se completamente do Ideal e poderemos dizer que o principal culpado é o Chefe.

Deve, portanto, dar-se à cerimónia uma característica particular. Assistirão apenas as patrulhas da Tribo, formadas em ferradura, os pais do escoteiro e a madrinha. As bandeiras serão colocadas no lugar de honra e junto delas se fará a Promessa.*

Deve evitar-se os compromissos em série, de maneira que não mais de três aspirantes sejam eleitos escoteiros. Temos a certeza que o rapaz sentirá, na singeleza da cerimónia, todo o valor que a Promessa tem, não acontecendo o mesmo se estas forem feitas com muito aparato, ruído e festança. — **A. I.**

(Continua)

* Figura tradicional, que nós gostaríamos ver substituída por um padrinho, obrigatòriamente antigo escoteiro.

Grupo n.º 52-Angra do Heroísmo

CAMPO TAHLEQUAH

Realizou-se na Ilha Terceira, pelo quarto ano consecutivo, o acampamento anual dos Escoteiros do Destacamento Americano das Lajes, desta vez no novo campo escotista internacional, na região da Matela, desta Ilha.

O acampamento efectuou-se de 11 a 20 de Julho e nele tomaram parte escoteiros americanos e portugueses, estes representados por uma delegação do Grupo n.º 52, chefiada pelo E. C. Jacinto dos Reis Moniz Silva.

Foi chefe de campo o comissário escotista Ian MacDonald, coadjuvado pelos chefes Chester True (Troop I) e Donald Malloch (2), David Adams, e uma equipa de caminheiros.

Houve vários fogos de conselho, preparatórios dos fogos que se realizaram em 18 e 19, tendo os Escoteiros do 52 participado com várias canções, pantominas, etc.

No último fim de semana, acampou nos arredores a patrulha Andorinha do 52, que foi prestar provas relacionadas com o concurso de Patrulhas Piloto, organizado pela A. E. P..

Os Lobitos do Destacamento Americano acamparam junto do Campo Tahlequah, no segundo fim de semana, tendo comparecido ao fogo do conselho do dia 18.

O acampamento teve bom nível técnico e houve também a assinalar uma boa jornada de confraternização escotista luso-americana. — C.



CONFERÊNCIA DE DIRIGENTES NO CAMPO TAHLEQUAH — Da esquerda para a direita: o director do Campo, Ian MacDonald e os dirigentes Donald Malloch, David Adams, J. R. Moniz Silva e Chester True

O "SEMPRE PRONTO" visitou Vila Viçosa

Como anunciámos nos nossos últimos números, realizou-se no dia 11 deste mês de Outubro a Excursão a Vila Viçosa, promovida por este jornal, primeiro número das comemorações do seu XX aniversário.

Como seria de calcular, esta excursão constituiu um êxito, não só pelo excelente punhado de amigos que nela tomaram parte, como também pela fidalga hospitalidade com que fomos honrados pela Ex.ma Administração da Fundação da Casa de Bragança, a qual soube transformar a nossa visita à formosa vila alentejana num acontecimento magnífico que para sempre perdurará nas nossas recordações.

No próximo número referir-nos-emos a esta visita com a expansão que tal acontecimento merece.

DEMISSÕES

Foram demitidos, respectivamente de chefes dos grupos n.os 17 e 45, os srs. Artur Lopes e Manuel Argentino Bettencourt.

Escoteiros estrangeiros *em Portugal*

A par da verdadeira invasão de estrangeiros que vêm passar as suas férias em Portugal, muitos escoteiros de diversos países nos visitaram durante o passado verão.

Por exemplo, no Anaju estiveram presentes três escoteiros franceses e uma patrulha de escoteiros ingleses. No Acampamento Nacional, promovido pelo Corpo Nacional de Escutas, também tomaram parte delegações de escoteiros espanhóis, holandeses, ingleses e polacos.

Porém, soubemos que uma outra patrulha inglesa visitou a cidade de Lagos e que um grupo de 32 rapazes franceses esteve em Pombal.

O Funchal também recebeu cerca de 25 escoteiros holandeses de passagem para a Guiana Holandesa.

Durante o mês de Agosto tivemos a oportunidade de contactar com um grupo de escoteiros ingleses que se encontravam aboletados em Caxias. Esses rapazes manifestaram-se encantados com o acolhimento que lhes foi dispensado no nosso país e com as magníficas férias que aqui passaram.

Tivemos ainda notícia de que outros escoteiros têm passado pelo nosso país e todos eles foram distinguidos com uma assistência muito eficiente que lhes foi proporcionada por intermédio do sr. Secretário das relações internacionais da A. E. P..



Acampamento do Jubileu da A.E.P.

Acerca da notícia que sobre este acampamento publicámos no último número, escreve-nos o sr. Artur Lopes, que assina como «Ex-Escoteiro-Chefe do Grupo n.º 17 da A. E. P.», dizendo:

O n.º 232 do «Sempre Pronto» referente ao mês de Agosto findo, inseria na rubrica «Coisas do Norte» a notícia de um acampamento em Coimbrões, dos grupos 4, 15, 17 e 44.

Aquela notícia não é exacta, pois o Grupo 17, da minha chefia, não tomou parte em qualquer acampamento colectivo naquela data, nem naquele local.

Aquele lapso deve atribuir-se a erro de informação do posso representante nesta cidade. (...)

Aqui publicamos o esclarecimento, conforme nos é solicitado.

MANUEL TACÃO MONTEIRO:

«Foi precisamente no escotismo que senti a necessidade de compor» — *oportunas declarações do autor da «Marcha do ANAJU»*



A revista «Colecção Cinema», no seu número de 30 de Agosto último, publicou uma interessante entrevista com o nosso estimado irmão-escoteiro e colaborador sr. Manuel Tacão Monteiro, por motivo do prémio que lhe foi conferido recentemente no Festival da Canção de Tavira, pela sua composição «Linda Tavira».

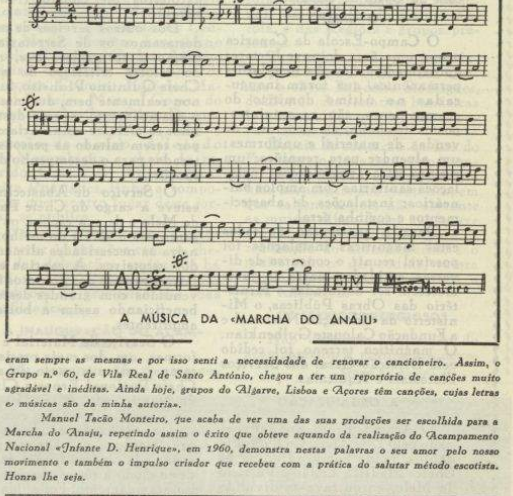
Manuel Tacão Monteiro é, de facto, um talento que, a pouco e pouco, vai confirmando os seus méritos. É justo, pois, que nós escoteiros, lhe dêmos o devido merecimento, tanto mais que, na nossa organização, não abundem, infelizmente, valores com que se possam contar.

Na referida entrevista, Manuel Tacão Monteiro dá a conhecer, entre outras curiosidades, que já fez mais de 100 composições musicais, sendo o seu primeiro trabalho a marcha escotista «Mal rompe a alvorada», criada quando contava apenas pouco mais de quinze anos de idade.

E confessa:

«— Foi precisamente no escotismo que senti a necessidade de compor. Quando ingressei no movimento, uma das primeiras coisas que notei foi a falta de grupos corais. As canções eram sempre as mesmas e por isso senti a necessidade de renovar o cancioneiro. Assim, o Grupo n.º 60, de Vila Real de Santo António, chegou a ter um repertório de canções muito agradável e inéditas. Ainda hoje, grupos do Algarve, Lisboa e Açores têm canções, cujas letras e músicas são da minha autoria».

Manuel Tacão Monteiro, que acaba de ver uma das suas produções ser escolhida para a Marcha do Anaju, repetindo assim o êxito que obteve aquando da realização do Acampamento Nacional «Infante D. Henrique», em 1960, demonstra nestas palavras o seu amor pelo nosso movimento e também o impulso criador que recebeu com a prática do salutar método escotista. Honra lhe seja.



A MÚSICA DA «MARCHA DO ANAJU»

Dos amigos do "Sempre Pronto"

FALECIMENTO — Encontra-se de luto o nosso prezado amigo e colaborador sr. Joaquim de Sousa Piscarreta, de Lagos, pelo falecimento, em Setembro p. p., de sua Esposa.

A este nosso prezado irmão-escoteiro apresentamos sentidas condolências.

DE VIAGEM — Regressou recentemente dos Estados Unidos, onde esteve algumas semanas em missão profissional da The National Cash Register Company of Portugal, de que é funcionário superior, o nosso estimado amigo e assinante sr. José Dionísio dos Santos, membro da Fraternal dos Antigos Escoteiros.



O ANAJU! A ordem é de marchar para o acampamento e os escoteiros marcham alegremente para a grande reunião

ANAJU!

Ainda que possa haver quem pense de diferente maneira, não há dúvida de que mereceu a pena a efectivação do ANAJU.

O Escotismo é um movimento de realizações. O estagnamento, a esterilidade, o imobilismo não são, com certeza, ideados próprios de escoteiros, embora a improvisão não seja também uma tendência que se conjugue com os seus processos de trabalho.

Mas, enfim, a análise do que foi conseguido através do ANAJU mostra à puridade que não deve haver arrependimento em se ter levado a cabo esta iniciativa.

Que ela sirva de incentivo a novas e mais brilhantes actividades e de proveitosa experiência para um futuro mais activo e promissor.

Mais alto e mais além!

O que foi o «Nacional do Jubileu»

Reportagem de Armando Garcia Inácio

Com este breve apontamento pretendemos dar uma ideia geral do que foi o Acampamento Nacional do Jubileu — o ANAJU — da Associação dos Escoteiros de Portugal, levado a efeito de 21 a 31 de Agosto p. p., no Campo-Escola da Costa de Caparica.

O CAMPO

O Campo-Escola da Caparica ocupa uma área de nove hectares aproximadamente. As instalações permanentes, que foram inauguradas no último domingo do acampamento, são as seguintes: postos de chefia, de socorros, e de vendas de material e uniformes; um alpendre para reuniões; um recinto para arrecadações; instalações sanitárias com amplos balneários; instalações de abastecimentos e cozinha geral.

Para a construção de todas estas magníficas instalações foi possível reunir o concurso de diversas entidades, entre as quais merecem ser destacadas o Ministério das Obras Públicas, o Ministério da Educação Nacional e a Fundação Calouste Gulbenkian. O magnífico terreno foi cedido pela Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas.

A ORGANIZAÇÃO

O Acampamento, que foi chefiado pelo E. C. D. sr. Eng.º Nobre Santos, tendo como adjuntos os Chefes Madeira Leitão e Patrício de Melo, encontrava-se dividido em três subcampos, assim denominados:

MACAU — dirigido pelos Chefes Eduardo Augusto Xavier e Idílio Gonçalves.

FUNDADORES — dirigido pelos Chefes Armando Jaime Soares e Luís Valente Matos.

CONTINUADORES — dirigido pelos Chefes Pedro Cruz Lopes e José Marçal Correia.

Em cada um destes subcampos instalaram-se os diversos grupos, tanto da capital como das outras regiões, incluindo os Açores e os escoteiros do Dondo (Moçambique).

Dos outros serviços de campo destacamos os de Secretaria (recepção e «contrôle») que, mercê do esforço criterioso do antigo Chefe Quintino Pinheiro, funcionou realmente bem, durante todo o acampamento, apesar deste senhor se oferecer voluntàriamente, por terem faltado as pessoas destacadas para o desempenho de tais funções.

O Serviço de Abastecimento esteve a cargo do Chefe Patrício de Melo e de sua esposa, os quais procuraram servir da melhor maneira as necessidades alimentares dos escoteiros. A cantina estava farta e muitos dos produtos foram vendidos com grandes descontos, beneficiando assim a bolsa dos adquirentes.

O Serviço de Material e Uniformes, um dos mais precisos no campo, esteve a cargo do antigo Chefe Regional Ernesto Clímaco do Nascimento. Além da exposição e vendas de artigos escotistas, igualmente expôs as Edições Sempre Pronto e propagandeou pela rapaziada o nosso Jornal, fazendo deste modo a nossa representação no acampamento. Foi ajudado pelo Chefe Mário Leite, que igualmente colaborou no Serviço de Secretaria.

Falta falar ainda do Serviço de Socorros, que se encontrava instalado numa dependência do campo. Possuía uma pequena tenda-hospital, provida de duas macas de repouso. Este serviço foi montado pelo grupo 2 e dirigiu-se com muita proficiência pelo de Divisão Vítor Luís de Brás, fermeiro de campo, só foi chamado felizmente, para efectuar pequenos tratamentos, que atingiram, todo, um número à roda de

A MONTAGEM DOS CAMPOS

De um modo geral, todos os grupos se esforçaram por apresentar os seus campos com aspectos sugestivos e recheados de trabalhos escotistas.

Foi muita a azáfama que houve para desbravar o campo, pois em alguns casos, como aconteceu com o grupo n.º 10, o terreno estava completamente impraticável e uma autêntica floresta virgem foi desbravada para que se seguisse uma clareira.

Trabalhos deste tipo, a par dos passos da grande actividade, judicaram o embelezamento dos grupos poderiam dar aos campos. No entanto, apareceram ideias muito boas e é justo salientar neste apontamento o grupo n.º 9, sem dúvida um dos melhores campos, pelas suas construções de pioneiria e com um «toque» escotista especial. Um fogão de duas bocas, do mesmo grupo, feito de tijolo, cimento e latas lhas que até água quente forn (bastava abrir a torneira) cat inveja a muitas donas de Comemorando os 50 anos de vidade, o mesmo grupo apre tou uma exposição retrospe que foi muito apreciada.

Os grupos do Norte e do esmeraram-se em delicados trabalhos artísticos. Assim, pudemos observar uma bandeira da do Porto, pintada no local po escoteiro, e um «S. Jorge» ma o Dragão, feito de areia de vá- cores, que os algarvios aprecontaram, demonstrando, assim, a prática artística.

Seria extenso falar de todos os grupos, pois cada qual apresentou o seu melhor, como pórticos, portugiratórias, passarelas, cubatas, das nas árvores, etc., etc..

As entradas dos subcampos, assim como a principal, mostram-se muito originais. No entanto, a de Macau era muito sugestiva e vistosa.

OS GRUPOS PRESENTES

Pode dizer-se que quase todos os grupos filiados estiveram no naju. Com isso conseguiu-se a presença de cerca de 300 escoteiros dirigentes, embora muitos deles comparecessem nos dois as de semana.

Da Região Centro estiveram presentes os grupos n.ºs 1, 2, 5, 7, 9, 10, 12, 13, 14, 16, 53, 79, 85, e 94.

A Região Norte, dirigida pelo chefe Rev. Vidal dos Santos, contou-se dos grupos n.ºs 4, 15, 17, e 44.

A Região Sul, sob a direcção do Chefe João Trigueiros, compunha-se dos grupos n.ºs 6, 59, 60 e 77.

Com muita alegria dos presentes, conseguiu-se a comparência de escoteiros dos Açores e de Moçambique.

A Região dos Açores, dirigida pelo nosso delegado chefe Jacinto dos Reis Moniz Silva, compunha-se dos escoteiros Ludgero Morais Moreira, Leopoldino Rocha Tavares, Carlos Alberto Vieira de Melo, Fernando de Oliveira Correia, Horácio Manuel Ferreira, Manuel Gomes do Carmo e Amílcar Silva Ramos.

O Grupo do Dondo, sob a direcção do nosso delegado em Moçambique e chefe do referido Grupo, sr. Alfredo Bandeira Rodrigues, tinha a composição que, noutro lugar deste jornal, se publica.

Sempre Pronto teve ocasião de trocar impressões com os chefes das delegações, amigos de há muitos anos, inteirando-se das condições do escotismo nas suas localidades.

A INAUGURAÇÃO DO ACAMPAMENTO

No domingo 23, o acampamento foi inaugurado. Eram cerca de 9 horas.

Na grande clareira, os grupos formaram em semicírculo, com um efectivo que se elevava a cerca de 200 escoteiros.

Ao som do Hino Nacional, foram içadas as Bandeiras Nacional, da A. E. P., do Campo-Escola, e das Regiões e grupos presentes.

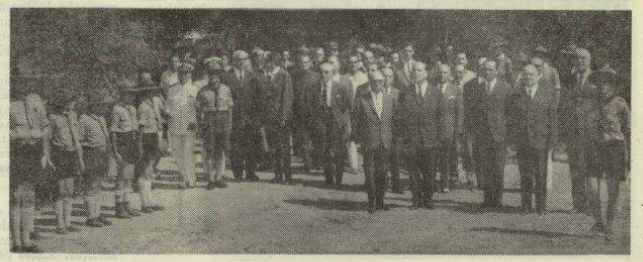
Teve a honra de ser convidado para içar o Pavilhão das Quinas o chefe Bandeira Rodrigues, do Dondo. As restantes bandeiras foram erguidas por escoteiros para o efeito designados.

Depois de recitação da Lei do Escoteiro, o chefe do acampamento Eng.º Nobre Santos, dirigiu uma mensagem aos escoteiros, em que salientou que, não obstante as muitas dificuldades que houve que enfrentar e vencer para a realização do acampamento, e o muito esforço dispendido, valera a pena ter-se metido ombros a essa iniciativa.

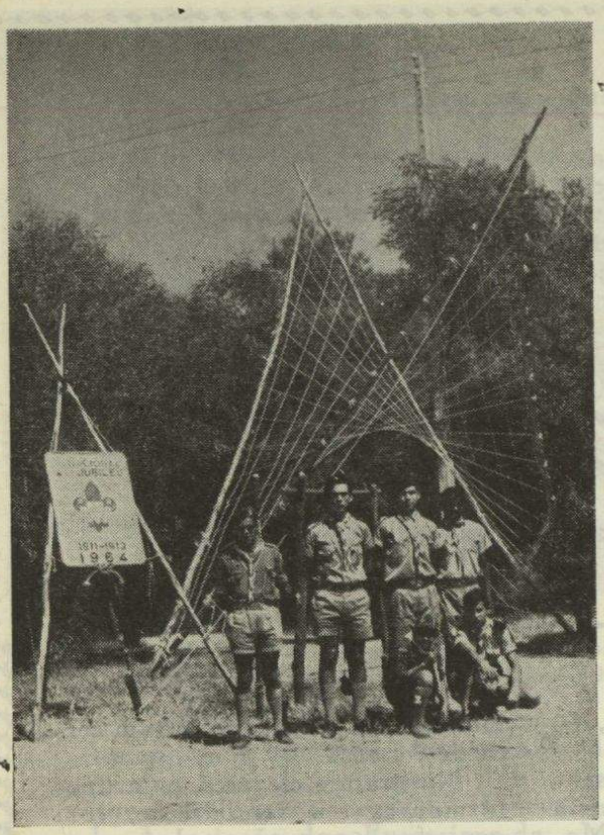
OS SERVIÇOS RELIGIOSOS

Não descurou a direcção do acampamento a prática dos deve-

Segue na página 10



Presidente da Direcção da A. E. P., acompanhado de várias entidades oficiais e escoteiras, entra no Campo-Escola de Escotismo de Caparica





O desfile dos escoteiros até à Costa de Caparica

Os escoteiros de Dondo (Moçambique) junto à entrada do ANAJU

O «Nacional do Jubileu»

Seguimento das páginas centrais

res religiosos entre os escoteiros presentes. Por este motivo, nos dois domingos houve missa para os escoteiros de confissão Católica-Romana, e cultos para os das Igrejas Evangélicas Lusitana e Presbiteriana.

Simultâneamente com a realização destes serviços religiosos, houve prelecções sobre temas cívicos e espirituais para os escoteiros leigos.

A RECEPÇÃO À IMPRENSA

No sábado, dia 29, os representantes da Imprensa, da Rádio e da Televisão visitaram demoradamente o acampamento, no que foram acompanhados pelo chefe Alves de Azevedo e outros dirigentes.

No fim desta visita, foi-lhes oferecido um almoço no campo do Grupo 9, servido por escoteiros deste grupo.

O repasto compunha-se de frango com piripiri preparado pelo chefe Bandeira Rodrigues, Moçambique; e de bacalhau assado na brasa confeccionado pelos rapazes do 9.

Durante esta excelente refeição, que deixou a todos muito impressionados, usou da palavra o chefe do acampamento, Eng.º Nobre Santos, que saudou os órgãos de informação e referiu quanto o Escotismo lhes devia, sempre prontos a colaborar em todas as suas iniciativas.

O nosso delegado em Moçambique, chefe Bandeira Rodrigues, defendeu a necessidade de uma ainda maior expansão da propaganda do Escotismo através da Imprensa, no sentido de se conseguir que sejam vencidas algumas dificuldades que obstam ao desenvolvimento do Escotismo não só em Moçambique, como em todas as outras províncias ultramarinas.

Em nome dos visitantes, agradeceu o jornalista sr. Morais de Carvalho, do jornal *«A Voz»*.

Durante o repasto, tocou algumas peças do seu reportório a banda do Grupo n.º 84, do Entroncamento, terminando a sua actuação com a execução da «Marcha do Anaju», em que foi acompanhada pelo seu autor, o nosso colaborador e escoteiro-chefe Manuel Tacão Monteiro.

UMA VISITA À REGIÃO DOS TRÊS CASTELOS

Na sexta-feira, dia 28, cinquenta escoteiros fizeram uma excursão à Região dos Três Castelos, em camionetas que foram postas gentilmente à disposição dos escoteiros pela Legião Portuguesa.

Esta excursão foi, em nossa opinião, uma das melhores actividades do acampamento, em vista de referências que ouvimos a este respeito. Até mesmo no aspecto de camaradagem foi útil, segundo nos disseram alguns dos dirigentes que nela tomaram parte.

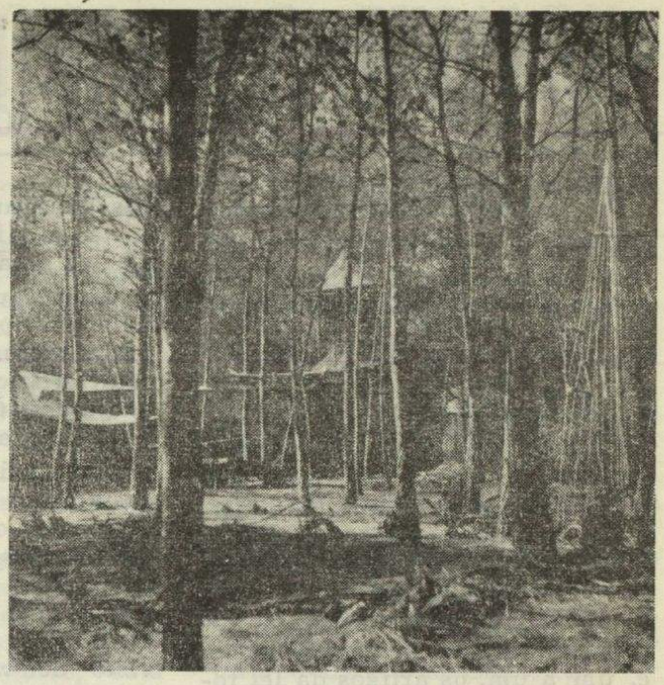
Foram ainda efectuados alguns passeios a Lisboa, para visita aos seus mais importantes monumentos. Estes passeios foram es-



Delegação dos Açores: Chefe Jacinto dos Reis Moniz Silva, Chefe Adjunto Ludgero Morais Moreira, prof. Leopoldino Tavares, secretário do grupo; Carlos Alberto Vieira de Melo, adjunto do chefe de tribo. Em baixo: Horácio M. Ferreira, Fernando O. Correia, Amilcar Ramos e Manuel G. do Carmo.



A inauguração do Campo-Escola: o Almirante Tenreiro corta a espia que simbòlicamente vedava a entrada no campo



Um aspecto do Campo-Escola, vendo-se ao fundo, entre os pinheiros, duas tendas armadas sobre as plataformas

O «Nacional do Jubileu»

pecialmente dedicados aos escoteiros de fora de Lisboa, os quais, nas suas deslocações, foram sempre acompanhados por camaradas da Capital.

O ESCOTEIRO DO ACAMPAMENTO

Não poderemos olvidar, nestas colunas, o trabalho de um escoteiro, muito embora esse escoteiro seja já um velho Lobo; o antigo Chefe Eduardo Augusto da Silva Xavier

Este dirigente foi incansável e por isso é justo que o cognominem de «O Escoteiro do ANAJU».

Semanas antes da grande actividade, já nos habituáramos a vê-lo, sempre sorridente, diligente, atarefado, atendendo este e aquele, limpando aqui, construindo acolá, dando ideias, incitando os rapazes.

Durante o ANAJU, a sua presença foi valiosíssima, diremos mesmo — foi a presença dum *Sempre Pronto*.

Quanto a nós, que observámos de perto o seu trabalho, diremos que, se ele não estivesse presente, muita coisa não teria saído tão bem.

É um acto de justiça salientarmos a acção deste escoteiro. Oxalá que outros dirigentes apareçam que revelem semelhantes qualidades de trabalho.

UM EPISÓDIO ENGRAÇADO

Em certa ocasião, ao anoitecer, ouviu-se alguém, no local das cozinhas, chamar por um escoteiro:

— O Ludgero!

Este grito repetiu-se por diversas vezes, mas o Ludgero não apareceu.

Os rapazes do 94, achando graça ao chamamento, quiseram ajudar quem chamava pelo Ludgero. Assim, do seu campo, que distava das cozinhas uns 50 metros, começaram também a gritar em coro:

— O' Ludgero!

Daí a pouco por todo a acampamento só se ouvia o mesmo grito, chamando por esse escoteiro, que não se sabia ao certo de quem se tratava.

No dia seguinte, de vez em quando, ouvia-se, aqui e ali, chamar pelo Ludgero, até que tivemos a sorte de falar com esse célebre escoteiro.

Perguntámos-lhe:

— Afinal és tu o famoso Ludgero?

— Sou sim, mas o outro é que faz bem.

— O outro? Qual outro? — inquirimos.

— O Ludgero dos Açores. Assim que soube que era brincadeira não respondeu mais ao chamamento; mas eu levo as coisas a sério e, por isso, ando daqui para ali, a correr de um lado para outro, e afinal não querem nada de mim...

OS FOGOS DE CONSELHO

Na segunda-feira, dia 24, houve um fogo de conselho, dirigido pelo chefe do Núcleo de Lisboa.

Na quinta-feira, dia 27, houve novamente fogo de conselho, que teve por característica principal a forma, muito curiosa, como foi dirigido pelo chefe Alfredo Bandeira Rodrigues. Este nosso prezado companheiro, porque tem o curso da insígnia de Madeira, imprimiu a esta reunião uma orientação cheia de interesse, usando um ritual semelhante ao que é seguido em Gilwell Park.

No último sábado, realizou-se

Segue na página 12



Os escoteiros aguardam as entidades oficiais e escotistas

O "NACIONAL DO JUBILEU"

Seguimento da página 11

também o último fogo de conselho, que foi um dos melhores números do acampamento.

Cerca de 250 escoteiros e um número aproximado de visitantes, circundavam a fogueira, no centro da grande clareira.

Às 22 horas, deu-se início à reunião, tendo o convidado de honra, o antigo chefe João Clímaco do Nascimento, acendido o facho do 1.º artigo da lei, que um escoteiro empunhava.

Recitando o 1.º artigo, o escoteiro deu lume ao segundo facho e, um a um, os artigos da lei foram recitados e os escoteiros rodearam a lenha à qual, a um só tempo, deitaram fogo.

Ao crepitar das primeiras labaredas, elevou-se no ar a canção «Chama Alegre» do saudoso chefe Amâncio Salgueiro.

Logo após esta canção, o Dirigente do Acampamento proferiu breves palavras de agradecimento à assistência, e também aos escoteiros, pela sua comparência no Campo. A canção do ANAJU, que tantas vezes ressoou na Mata da Caparica, saiu das gargantas juvenis, bem dispostas e afinadas, no meio da alegria geral.

Começou o desfile dos grupos, cada um apresentando os melhores, números entremeados de gritos característicos dos escoteiros a que a assistência se associou com visível agrado.

Dos números apresentados, destacamos os «pauliteiros» do Grupo 2, os conjuntos musicais dos Grupos 8 e do Entroncamento que tanto brado fizeram, a interpretação mais cómica e talvez a melhor de todas «Um coxo visto de várias maneiras», por um escoteiro do Grupo 9, a poesia «A Lei do Escoteiro», recitada vibrantemente por um escoteiro do Norte, «É proibido nadar», pelos escoteiros marítimos, o extraordinário número do «Elefante», representado pelos escoteiros do Dondo e finalmente a «Tourada à antiga portuguesa», apresentada pelo Grupo 2 que culminou agradàvelmente o fogo do conselho.

Todos os grupos, desde o Norte ao Sul, apresentaram os seus trabalhos, apenas foi deploràvelmente esquecido, por precipitação do dirigente do Fogo, o grupo n.º 52 dos Açores, o qual, quanto a nós, dado que vêm de tão longe, deveria ser dada a primazia, justamente com os rapazes de Dondo.

No entanto, isto deve-se às circunstâncias extraordinárias em que foi realizado o programa do «Fogo do Conselho».

A meio do programa, numa breve pausa da parte recreativa, a Fraternal homenageou o chefe Moniz Silva, que pela primeira vez é avô, oferecendo-lhe um interessante brinquedo para o netinho.

Também um velho lobo do grupo 5 ofereceu o seu lenço ao novo Chefe do grupo. Estas cerimónias tocaram o coração dos escoteiros que as saudaram entusiàsticamente.

Vários chefes foram convidados a dirigir gritos de agradecimento e assim pudemos, mais uma vez, apreciar esse extraordinário animador de Fogos e grande chefe no seu tempo, Mário Fernandes, dirigindo as «palmas» à sua maneira.

Podemos concretizar este apontamento dizendo que o Fogo do Conselho foi óptimo, com excepção do lapso a que já se fez referência, pelo que o público presente saiu agradàvelmente satisfeito.

Já passava da meia-noite quando terminou o «Fogo» com «É lá!» e a Oração de despedida, pelo Rev. Vidal dos Santos.

Na alimentação das fogueiras estiveram os chefes Vidal dos Santos e João Clímaco. O programa do «Fogo» foi



A banda dos Escoteiros do Entroncamento exibe-se para os representantes da Imprensa

dirigido pelo Chefe do Grupo n.º 94, secundado amàvelmente pelo Antigo Chefe Ernesto Clímaco do Nascimento.

A INAUGURAÇÃO DO CAMPO-ESCOLA

O último domingo foi um dia de festa.

Logo de manhã, ao içar das bandeiras, quatro novos escoteiros prestaram o seu compromisso.

À seguir, realizou-se um desfile de todos os rapazes acampados até à Costa de Caparica. No largo central desta localidade encontravam-se os srs. Escoteiro-Chefe Geral, Escoteiro-Chefe do Anaju, Secretário Geral e Tesoureiro Geral da Direcção da A. E. P., os quais foram saudados pelos escoteiros que desfilavam.

Às 14 horas, o Escoteiro-Chefe Geral chegou ao acampamento, reunindo-se com todos os chefes presentes.

Já passavam das 15 horas quando se registou a chegada do sr. Presidente da Direcção dos Escoteiros de Portugal, Almirante Henrique Tenreiro, que vinha acompanhado do sr. Presidente da Câmara Municipal de Almada, o qual representava também o sr. Governador Civil do Distrito de Setúbal, dos srs. Comodoros Duarte Silva e Valente Araújo, Comandante Alberto Campos, da Obra Social da Fragata D. Fernando, dr. Cortês Pinto, presidente do Tribunal de Honra da A. E. P. e por todos os membros da Direcção da Associação, tendo sido recebidos, junto da entrada do Campo-Escola, pelo sr. Comandante Tengarrinha Pires, escoteiro - chefe geral, e pelos demais dirigentes escotistas do Anaju.

No momento em que estas individualidades eram saudadas por todos os escoteiros presentes, subiu no mastro de honra a flâmula do sr. Presidente da A.E.P. o qual se dirigiu para o pórtico principal do acampamento, e com uma machadinha, procedeu à inauguração do Campo, cortando uma espia que fechava simbòlicamente esse pórtico.

Entretanto, todos os escoteiros regressaram aos seus campos enquanto o sr. Almirante Henrique Tenreiro visitava o Museu de Campo, instalado na casa-abrigo do Campo Escola.

O sr. Presidente da Associação fez depois uma rápida visita a todos os grupos nos seus acampamentos, tendo cumprimentado os respectivos chefes.

Os escoteiros regressaram à clareira, enquanto as visitas oficiais inspeccionaram as dependências construídas no Campo Escola. Finalmente o sr. Presidente, acompanhado dos numerosos convidados, regressou ao local do Museu de Campo, onde pronunciou o discurso que noutro lugar publicamos.

No final, foi saudado por todos os escoteiros com o hino «Para mim és um bom companheiro».

Também o sr. Presidente da Câmara de Almada salientou em breves palavras a alegria que sentia por aquele empreendimento, que muito vinha contribuir para a formação de cidadãos úteis à Pátria.

Finalmente, cantou-se, com muito brilho, a Marcha do Anaju, que os convidados oficiais ouviram com interesse. Findo este canto, o sr. Almirante Tenreiro solicitou a presença do autor, Chefe Tacão Monteiro, a quem abraçou, felicitando-o pelo seu trabalho.

Estava chegada a hora de partida. Os escoteiros perfilaram e entoaram o «É Lá», saudando, mais uma vez, o sr. Presidente da Associação.

Quando o sr. Almirante Tenreiro se retirou, os escoteiros cantaram novamente a marcha do ANAJU. Estava inaugurado o Campo-Escola da Caparica!

O "NACIONAL DO JUBILEU"



O Presidente da A.E.P., acompanhado do Presidente do Tribunal de Honra, cumprimenta o E. C. João Trigueiros, chefe da representação algarvia, que se encontra acompanhado dos chefes Mário Martins, de Faro, e Marçal Lopes, de Olhão

Delegação da Beira ao ANAJU

A Delegação do Grupo de Escoteiros de Portugal da Beira, anexo à Lusalite de Moçambique, foi constituída pelos seguintes escoteiros: Alfredo Caetano Bandeira Rodrigues, Chefe do Contingente e portador da Insígnia de Madeira, diligente Delegado de «Sempre Pronto» em Moçambique; chefe de alcateia Humberto dos Santos Ferreira, guia João dos Santos Silva, Crispim Ferreira Gomes, Octávio José Rego, Joaquim das Neves Cavaco, e ainda pelo chefe ajudante Augusto Aleixo e seu filho Fernando, lobito, que se encontravam em férias no Continente.

O E. C. Alfredo Rodrigues teve de regressar de avião à Beira, no sábado, dia 29 de Agosto passado, não tendo, por esse motivo, a Direcção do «Sempre Pronto» tido ocasião, como desejava, de o saudar e de com ele trocar impressões acerca da nossa Delegação.

Filatelia

Carimbo especial do ANAJU

A Administração-Geral dos C. T. T. apôs na correspondência apresentada na Estação do Correio de Santo António de Caparica um carimbo especial comemorativo do Acampamento Nacional do Jubileu da Associação dos Escoteiros de Portugal.

De igual forma, no XII Acampamento Nacional do Corpo Nacional de Escutas, no posto de Correio instalado no próprio acampamento, em Teixoso, Covilhã, foram apostos carimbos comemorativos do acontecimento.

Emblemas e sobrescritos do Acampamento do Jubileu

No Serviço de Material e Uniformes, na Rua de S. Paulo, 254-1.º, em Lisboa, encontram-se à venda sobrescritos do Acampamento do Jubileu bem como emblemas do Anaju que sobraram desta actividade.

DISCURSO

do Sr. Presidente da Direcção dos Escoteiros de Portugal

O sr. Almirante Henrique Tenreiro, depois de inaugurar as instalações do Campo-Escola de Escotismo da Caparica, pronunciou o seguinte discurso:

Passaram-se alguns anos desde a hora em que decidimos erguer e organizar, junto de Lisboa, um campo permanente para os escoteiros de Portugal.

Venceram-se muitas dificuldades mas, à boa maneira escotista, tornámos numa realidade o que parecia impossível.

Como Presidente da Associação dos Escoteiros, desejo agradecer o valioso auxílio e colaboração recebidos de todos os que sempre acreditaram no mérito do movimento escotista, abrangendo neste agradecimento os bons amigos e as entidades oficiais e particulares que têm acarinhado esse movimento do nosso País, entre as quais me permito salientar Suas Ex.as os Ministros da Educação Nacional e das Obras Públicas e o presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, dr. Azeredo Perdigão, cuja acção contribuiu decisivamente para a concretização deste campo.

Agradeço ainda a presença de Sua Ex.a, sr. Presidente da Câmara Municipal de Almada, e de todos os que aqui se encontram nesta festa de confraternização escotista saudando efusivamente, com muita amizade, os escoteiros, chefes e dirigentes presentes nesta reunião, a quem peço que transmitam aos nossos camaradas ausentes o profundo apreço que dedicamos à obra, por cada um realizada, no sector da sua patrulha e do seu grupo.

Aos rapazes que vieram dos Açores e principalmente de Moçambique, quero manifestar-lhe a minha gratidão por não terem faltado a este acontecimento tão importante na vida da nossa associação, marcando a vossa presença nesta Pátria onde viestes encontrar a firme decisão que nos nossos corações existe, de erguer bem alto a unidade nacional e de defender com sacrifício da própria vida, a integridade dos nossos territórios da metrópole e do ultramar.

Podem afirmar aos nossos companheiros de além-mar que os seus esforços se mantêm bem presentes no pensamento e nos desígnios de progresso da Associação dos Escoteiros, que a toda a hora trabalha por um Portugal maior.

Com a recordação viva da minha mocidade e com o que aprendi na experiência saudável deste meio, não podia dizer não, quando me pediram para voltar a agrupar convosco. Contudo, notem, eu não cheguei a voltar, pois mantive-me sempre perto dos escoteiros, sentindo os seus problemas, ajudando a resolvê-los e mercê da generosa dedicação dos dirigentes que me acompanharam, ratificámos a promessa de trabalhar por vós sempre com o pensamento num futuro melhor para os escoteiros de Portugal.

Em estreita colaboração com outras organizações juvenis, procurámos aumentar o prestígio da nossa associação, que acaba agora de assinalar meio século de actividade em território português — nascida que foi, há 50 anos, nos confins do Oriente, precisamente na província de Macau.

Assim, a gloriosa bandeira das cinco quinas, pôde estar presente, com os nossos rapazes, nas principais reuniões escotistas mundiais, facto de que muito nos orgulhamos e que muito honra o nosso País.

Procurando manter sempre acesas as labaredas das nossas fogueiras, como símbolo de fé inquebrantável dos destinos dos portugueses, levámos essa chama a todos os pontos onde os escoteiros se reúnem.

Não estamos, porém, inteiramente satisfeitos com a nossa acção, apesar de muito já ter sido feito. Precisamos de continuar a trabalhar pelo engrandecimento e prestígio dos escoteiros, destacando neste aspecto a necessidade de se organizarem novas unidades no continente e em todas as províncias do ultramar, a fim de melhorarmos a preparação e o espírito dos nossos jovens, futuros continuadores do movimento escotista nacional.

Reconhecemos que, em meio século, profundas alterações se deram no Mundo sob o aspecto educacional e de formação da juventude, que actualmente se processam em moldes bastante diferentes. Mas nós continuamos a crer, corajosamente, que os nossos princípios básicos permanecem certos e que são esses os que servem verdadeiramente Portugal.

Se à luz das nossas leis escotistas devemos cultivar a honra e o cavalheirismo, não esqueçamos que devemos também amar e servir lealmente, como é nosso lema, Deus, Pátria e Família.

E a terminar estas breves palavras, formulo um voto muito sincero: que todos os rapazes que alguma vez vieram a este parque, voltem de novo, e que pela vida fora jamais enjeitem o privilégio que neste momento possuem de pertencer à Associação dos Escoteiros de Portugal.

Insígnia de Madeira

Campo-Escola de Fraiões — Braga

Em meados de Setembro passado, partiram de Lisboa para participar num curso de Insígnia de Madeira (2.ª parte), que o C. N. E. realizou no seu Campo-Escola, os dirigentes da A. E. P. srs. Armando Morais, do Grupo 10; e Mário Luzano Pereira Leite, em serviço na Região Centro.

Fazemos votos de que tenham colhido os melhores resultados, e para que em breve tenhamos o prazer de lhes ver a insígnia do referido curso.

— ✱ —

O E. C. Eng.º José Maria Nobre Santos, Director da Escola de Chefes dos Escoteiros de Portugal, e o E. C. José Eduardo Pena Ribeiro, estiveram em 20 de Setembro no mesmo Campo-Escola, onde cooperaram no Curso que ali se estava realizando.

E. C. Jacinto dos Reis Moniz Silva

Este nosso querido amigo e dedicado delegado de «Sempre Pronto» nos Açores, está de parabéns pela chegada, no dia 19 de Agosto p. p., do seu primeiro netinho — o Paulo José — a quem desejamos as maiores venturas.

Aproveitamos a oportunidade para felicitar os orgulhosos pais, o sr. João Orlando Pereira Valentim e a sr.ª Maria da Conceição A. Moniz Silva Valentim, bem como os afortunados avós.

Vítimas do furacão «Cleo» salvas por escoteiros

O furação «Cleo», que na última quinzena de Agosto assolou as ilhas do Mar das Caraíbas, fez-se sentir mais intensamente em S. Domingos. Nesta república, quando um jornalista e um fotógrafo faziam reportagens dos estragos causados pelo grande temporal, foram apanhados por uma enorme onda, que os arrastou.

Os dois desafortunados repórteres encontrariam a morte desta triste forma, se não fosse a abnegação revelada por alguns escoteiros, que os socorreram e conseguiram arrancá-los a tão impiedoso desenlace.

Mais uma vez os escoteiros cumpriram o seu dever.

Publicações

«Mensagem de Helen Keller»

A Liga Portuguesa de Profilaxia Social, prosseguindo na sua admirável cruzada em prol de todos os Portugueses, acaba de publicar uma brochura onde reúne duas conferências, pronunciadas pela sr.ª D. Maria Lúcia Silva Rosa, no Clube Fenianos Portuenses, acerca da reabilitação de pessoas cegas em Portugal.

Trata-se de bem elaborados estudos acerca do que tem sido a acção, no nosso país, da Fundação Raquel e Martin Sain, os quais recomendamos a todas as pessoas que queiram adquirir mais alguns conhecimentos sobre o problema dos cegos e a forma como ele está sendo hoje encarado e resolvido.

VERDADES DIGNAS DE ATENÇÃO

Entre o muito bom que insere o «Sempre Pronto» de Agosto, que tardiamente nos veio parar às mãos, sem propósito de quem quer que fosse, estamos convencidos, mereceu-nos especial atenção o artigo de Joel Ribeiro intitulado «Crítica Construtiva». Das verdades que o mesmo encerra, uma bem digna de destaque e que deve estar presente em todas as criaturas, especialmente nas que Deus concede a graça de produzirem algo para a Imprensa, que, bem conduzida, pode dar luz e vida.

«Criticar é emitir um juízo, isto é, louvar tudo quanto efectivamente digno seja de enaltecimento ou apontar aquilo que nos mereça os elogios da aprovação».

O signatário procura apontar, de harmonia com a opinião de Joel Ribeiro, e isso lhe tem acarretado inimizades sem fim, porque os valores sociais da nossa época, regra geral, só consideram construtiva a louvamanhice. As verdades que os desgostam são traduzidas sempre por crítica destrutiva, e assim se vai destruindo o que é de manter e mantendo o que é destruir.

Porque Portugal tem nobre missão a cumprir na história da humanidade, lutemos com fé no sentido de conseguirmos triunfar dentro da opinião de Joel Ribeiro, que fecha o seu artigo com chave de ouro, traduzindo as palavras de Jesus Cristo no célebre Sermão da Montanha: *«Seja o vossa falar sim, sim, não, não; porque tudo o que passa disso é de procedência maligna».*

JOAQUIM DE SOUSA PISCARRETA

IGREJA PARA O ENTENDIMENTO ENTRE OS POVOS

Flanqueada por duas grandes torres — sugerindo mais uma fortificação — é a nova Igreja da Paz, sagrada há pouco em Meschede, Sauerland. Pedras de todas as partes do mundo enfeitam as paredes e a cruz do altar. No sino da igreja, foram gravadas as últimas palavras de John F. Kennedy no dia de seu assassínio: *«Se Deus não guardar a cidade, não adiantam os guardas».*

As pedras da amurada da igreja servirão para recordar vários pontos da humanidade onde se assinalaram «os maiores triunfos e as mais horríveis provas da tirania». Elas procedem por exemplo das catacumbas romanas, do Coliseu, da cidade de Coventry, destruída na última guerra, de Hiroshima e da Acrópolis. Na igreja, serão realizados ofícios para as confissões evangélica e católica. Os sinos repicarão anualmente no dia 22 de Novembro, em memória ao presidente assassinado, Kennedy.

● A Obra Bíblica Católica de Stuttgart organizará por ensejo do Dia Católico a mais ampla exposição bíblica até aqui exibida em língua alemã. Entre as obras expostas figuram a tradução gótica da bíblia de Ulfila, a tradução da «vetus latina» e da «Vulgata», bem como 14 bíblias impressas em alto e baixo alemão do tempo de Martinho Lutero, além disso a tradução bíblica de Lutero e as traduções católicas do período do século XVI ao XX.

EXACTAMENTE!

O «Diário de Lisboa», numa das suas tão apreciadas e judiciosas «Notas do Dia», publicou em 14 de Agosto passado:

LER E RACIOCINAR

A instrução tem por fim ensinar o indivíduo a ler, escrever e contar. Já é, sem dúvida, muito bom que o maior número possível de cidadãos disponha dessas três prendas. Mas não é tudo. Torna-se indispensável ensiná-los, também, a raciocinar, ou seja tornar o cérebro apto a distinguir entre o que convém e o que não convém, entre o que está certo e o que não está certo, entre o que é desejável e o que é indesejável. Um dos males de que enferma a nossa instrução pública consiste nos métodos de ensino adoptados, que não criam no educando a maturidade intelectual necessária para poder julgar por si próprio, sem recorrer a ideias feitas e a juízos preconcebidos. Há que limpar o cérebro daqueles que recebem a luz benéfica da instrução das teias de aranha que um ensino defeituoso teceu. Só por meio de uma ginástica mental adequada se lhe pode imprimir senso crítico, liberdade de julgamento, autonomia de opinião. A pedagogia tem papel importante a desempenhar neste capítulo e convém que os seus métodos se libertem de antigos e modernos preconceitos, seguindo os processos adoptados hoje nos países que caminham na vanguarda da instrução pública. Só desse modo se pode criar uma consciência cívica e levar os cidadãos a participar cada vez mais efectivamente no governo da Nação. De contrário, não será possível conseguir um verdadeiro espírito de cooperação e de solidariedade nacional susceptível de evitar todas as habilidades que queiram sobrepor-se ao jogo normal das instituições. Alfabetizar não basta. E' preciso formar consciências, educar almas, preparar cidadãos — e não produzir autómatos em série.

Baden-Ponvell sentiu exactamente o mesmo problema e chegou à mesma conclusão. Para «formar consciências, educar almas, preparar cidadãos — e não produzir autómatos em série», criou o Escotismo. E o Escotismo autêntico muito tem conseguido na persecução dessa finalidade. Podemos mesmo afirmar que esse é o grande objectivo do Escotismo, aquilo que o distingue de outros movimentos de aparências semelhantes.

SERVIÇOS CENTRAIS

Secretário-Geral Adjunto — Foi nomeado para o desempenho deste cargo o nosso estimado amigo sr. José de Jesus Ferreira.

Chefe do Serviço de Material e Uniforme — Também o nosso estimado amigo e colaborador sr. Ernesto Clímaco do Nascimento assumiu estas funções para que acaba de ser nomeado.

Ajudante do Escoteiro-Chefe-Geral — Foi nomeado para este cargo o sr. Esmeraldino Pais Domingos.

Adjuntos do Escoteiro Chefe do Núcleo de Lisboa — Para o desempenho destes lugares, foram nomeados os srs. João Armando de Oliveira Simões, Pedro Maria da Cruz Lopes e E. C. D. Luís Valente de Matos, respectivamente para as Divisões de Lobitos, de Escoteiros e de Caminheiros.

Chefia de Grupos — Foram feitas as seguintes nomeações:

Do sr. E. C. D. Duarte Gil de Mendonça, para chefe do grupo n.º 1; do sr. Armando Jaime Soares, para chefe ajudante do grupo n.º 2; do sr. Mário Lopes da Silva, para chefe interino do grupo n.º 16; do sr. prof. José Pacheco de Almeida, para chefe interino do grupo n.º 45, de Horta (Faial), por demissão do antigo chefe sr. Manuel Argentino de Bettencourt; do sr. José Manuel Nunes Marçal Correia, para chefe interino do grupo n.º 53; do sr. Luís Mário Saraiva, para chefe do grupo n.º 79; funções que já exercia na situação de interinidade: e do sr. José Manuel de Macedo, para chefe ajudante do grupo n.º 80.

Aos novos chefes, desejamos bons êxitos no desempenho dos seus cargos.

FRATERNAL DOS ANTIGOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

Informam-nos que o Conselho Geral da Fraternal dos Antigos Escoteiros vai ser convocado para o dia 28 deste mês de Outubro.

Casamento

Em 3 de Setembro passado, efectuou-se na Igreja Evangélica Presbiteriana da Rua Febo Moniz o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria Helena Pires Antunes Alves, antiga guia, com o sr. João Constantino, chefe-ajudante do Grupo n.º 8 dos Escoteiros de Portugal.

Aos felizes noivos, amigos dedicados de *Sempre Pronto*, desejamos as maiores venturas.

Reportagem fotográfica do ANAJU

Muitas das fotografias que publicamos na reportagem do Acampamento Nacional do Jubileu são da autoria do nosso prezado amigo e antigo escoteiro sr. Wolfgang Karl, que gentilmente no-las cedeu.

Duas outras fotografias devem-se à colaboração generosa dos nossos estimados amigos, srs. Luís Simões Aurélio e Justino Estêvão da Silva.

CAMPANHA DO PAPEL

Foram ainda recebidos, com destino a esta Campanha, mais os seguintes donativos:

José L. Trancoso (por intermédio da Pat.ª Águia do Grupo 94)	20$00
Parceria Geral de Pescarias (Barreiro) . . .	50$00
ACTA (Actividades Eléctricas Associadas, Lda.) .	20$00

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

N.os 233 e 234

SETEMBRO E OUTUBRO de 1964

A PROPÓSITO DO ANAJU...

Embora ainda não tivéssemos exteriorizado a nossa opinião sobre o Nacional do Jubileu, não deixámos de ter o mesmo pensamento mesmo depois deste concluído: não nos pareceu bem a sua realização.

Dirão que somos pessimistas e que só para provocar divergências falamos assim, mas tal não é, nem nunca foi o nosso intuito.

Afinal de contas o que vem a ser um Acampamento Nacional?

Em nosso modesto entender é, nada mais, que o ponto máximo das actividades levadas a termo por todas as Regiões Escoteiras, com um programa geral comum, que termina, desta maneira, duma forma excelente, para daí nascerem novos programas de trabalho.

Não foi, nem podia ser, o que se verificou!

Não foi porque, apesar de umas ligeiras tendências para melhorar, já é mais que conhecido o estado do nosso escotismo. Todos, os que participaram no ANAJU se recordam que, no dia da inauguração, o chefe de Campo, chamou, para içar as bandeiras associativas, escoteiros da Pátria de 1.ª classe e só conseguiu alguns de 2.ª, tendo mesmo de recorrer a patatenras. Estavam presentes mais de duzentos rapazes.

Não podia ser porque há anos que se não traça um programa de trabalho comum às regiões; cada uma trabalha para si (quando o faz) e só sabemos uns dos outros através do «Sempre Pronto», ou de algum Boletim oficial que de tempos a tempos recebemos e que fala de factos e de pessoas que, mesmo da nossa região, nunca vimos mais gordas.

A própria Região Centro, principal eixo do acampamento, não organizou qualquer actividade preparatória para o mesmo. E a comissão organizadora ainda em Maio passado convocava reuniões para arranjar possíveis dirigentes para diversos cargos de campo.

É inconcebível, mas foi assim.

Claro que as palavras aqui insertas não são gratuitas, os factos explicam-nas, porque o acampamento foi uma actividade morta, onde, salvo uma excursão ou um fogo do conselho, os rapazes andaram tristes e de mãos a abanar.

Não tenhamos ilusões! Os jornais diários fantasiaram, com belas laudas toda a actividade. O próprio acampamento foi «mascarado» para o dia da inauguração do Campo-Escola; deu-nos mesmo a impressão de que os seus dirigentes só tiveram como objectivo «viver» esse dia.

Apesar de tudo isto e frisando que, em nosso entender, não houve razão para Acampamento Nacional, foi bom que se realizasse essa actividade de conjunto.

Pelo menos, reunimos e confraternizámos com irmãos de todos os lados e todos tivemos ocasião de nos observar e meditar em que é preciso urgentemente reformarmo-nos, isto é, darmos o dobro do nosso esforço e da nossa boa vontade para o melhoramento da Juventude Portuguesa.

Não há dúvida de que houve esforço e boa colaboração da parte de todos para que a actividade se realizasse, mas se o trabalho de ora em diante não justificar esse esforço, foi falso o que se fez, diremos mesmo: foi uma mentira que apresentámos aos olhos do público que nos seguiu com interesse.

Estamos perante este dilema.

Importa pois que cada guia trabalhe a sua patrulha, cada chefe dirija o seu grupo, cada região dê actividade condigna e energia aos grupos e que a chefia geral trace programas que ao nível regional vise o desenvolvimento do escotismo nacional.

Com uma base assim, talvez daqui por dois ou três anos nos encontremos num «Nacional» com escoteiros preparados e chefes capacitados, capazes de encontrarem nessa reunião motivos para um novo melhoramento do nosso escotismo.

Armando Garcia Inácio

Na Ponta do Sol - Ilha da Madeira

UM ANTIGO ESCOTEIRO SALVOU UMA CRIANÇA DE MORRER AFOGADA

Nos primeiros dias de Julho, no cais da freguesia da Ponta do Sol, na Ilha da Madeira, encontrando-se a brincar, caiu ao mar, desamparadamente, Cecílio Fernandes Pereira, de 2 anos, filho de Lurdes Fernandes Pereira e de Eurico Sousa Pereira, residentes no sítio do Poiso, freguesia dos Canhas. Na ocasião da queda, o sinistrado encontrava-se na companhia do pai, mas este não sabia nadar, limitando-se a gritar por socorro. Vendo o sucedido, prontamente se lançou ao mar, com a roupa que tinha vestida, o Sr. Manuel Franco Moniz, antigo escoteiro de Portugal, actualmente Ajudante dos Bombeiros Voluntários Madeirenses, que está a ministrar instrução aos Bombeiros Voluntários da Ponta do Sol, salvando assim a infeliz criança.

Trata-se de um acto de abnegação, segundo nos relata a Imprensa da ilha, cujo heroísmo merece ser galardoado.

«O Escoteiro de Sintra»

Integrado nas comemorações do 30.º aniversário do Grupo n.º 93, de Sintra, publicou aquela unidade um jornal comemorativo, «O Escoteiro de Sintra», que insere, além de largas referências à fundação e história do «93», interessantes artigos sobre temas escoteiros. Felicitamos.